

## **PADRÕES CONSTRUCIONAIS FORMADOS POR PRONOMES LOCATIVOS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DO BRASIL**

*Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq)<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Descrição e análise de três padrões construcionais do português formados por pronomes locativos, em torno de sintagmas nominais e verbos, com base em pressupostos funcionalistas (Bybee, 2010; Traugott, 2008; Traugott e Dasher, 2005) e cognitivistas (Croft e Cruse, 2004; Croft 2001). Proposição de gradiente de gramaticalidade dos padrões referidos, na trajetória léxico > gramática, de modo que padrões nominais se situam no plano lexical, enquanto padrões verbais localizam-se no nível gramatical, destes, ordenações pós-verbais figuram em estágio de maior convencionalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** gramaticalização; construção; pronomes locativos; língua portuguesa.

### **INTRODUÇÃO**

Em conformidade com tendência mais recente dos estudos funcionalistas, nossa investigação se insere na perspectiva da *gramaticalização de construções*, na linha de Bybee (2010) e Traugott (2008). Nesse sentido, a partir de pressupostos do funcionalismo linguístico, conforme Heine e Kuteva (2007) e Traugott e Dasher (2005), entre outros, aliados à abordagem cognitivista (Croft e Cruse, 2004; Croft, 2001), descrevemos interpretativamente três padrões construcionais em uso no português do Brasil, a saber:

Padrão I: SN loc, como em *um cara aí, meu amigo aqui, um negócio lá*

Padrão II: loc Vb, como em *daqui vem, aí está, daí vem*

Padrão III: Vb loc, como em *sei lá, vamos lá, espera aí*

Testamos a hipótese de que os três padrões referidos se situam em pontos distintos no *cline* de gramaticalidade do português, em estágios mais ou menos avançados de mudança categorial. Tal distinção corresponderia ainda a níveis variados de integração semântico-sintática de seus constituintes internos e também a papéis funcionais específicos no plano lexical e no discursivo-pragmático. Estamos nos referindo à proposição do seguinte gradiente:

---

1. Doutora em Linguística pela UFRJ, professora da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do CNPq.

De acordo com o pressuposto referido, o Padrão I, que se organiza por intermédio de expressões de base nominal, ainda estaria situado no âmbito lexical, e o pronome locativo posposto, gramaticalizado como clítico<sup>2</sup>, integraria, assim ordenado, um processo maior de lexicalização, nos termos de Brinton e Traugott (2006). Em escala mais avançada, teríamos o Padrão II, em que o locativo assumiria, junto ao verbo posposto, função no plano mais textual. O ponto extremo do gradiente seria ocupado pelo Padrão III, nas formações em que o pronome locativo surge posposto ao verbo, em nível altamente integrado de sentido e forma, na configuração de expressões cumpridoras de função no plano discursivo-pragmático, notadamente como a de marcador.

Os dados com que trabalhamos são provenientes de fontes diversas, representativas do português contemporâneo do Brasil. Trata-se de materiais de língua falada, mais especificamente do *Corpus Discurso & Gramática*<sup>3</sup>, de língua escrita e também de textos da internet, como blogues. Essas fontes têm como traço comum alto nível de informalidade e coloquialismo, embora constituam tipologias textuais distintas. Tal equivalência de registro é o que nos permite abordá-las de forma mais global. Como se trata de fontes sincrônicas, nosso viés analítico define ou aponta níveis de gramaticalidade dos padrões referidos, e não propriamente de gramaticalização, uma vez que não dispomos de dados empíricos atestadores da unidirecionalidade dos objetos pesquisados. Por hipótese, portanto, consideramos que o Padrão I é mais referencial, atinente ao âmbito lexical, enquanto os padrões II e III, respectivamente, constituem usos situados em pontos mais avançados do *continuum* gramatical.

O artigo se divide basicamente em quatro seções. Na primeira, apresentamos o quadro teórico em que nos inserimos, fundamentado no funcionalismo de vertente norte-americana, aliado a subsídios cognitivistas, com foco na abordagem construcional. Nas três seções subsequentes, apresentamos resultados de pesquisa que temos desenvolvido no contexto acadêmico do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, dedicada, nos últimos anos, à investigação dos aspectos funcionais envolvidos no uso de pronomes locativos do português<sup>4</sup>. Assim, na segunda parte, abordamos o Padrão I; na terceira, analisamos o Padrão II; na quarta, nos voltamos para o Padrão III. A título de síntese, na seção final, trazemos um comentário geral acerca desses usos, na proposição de outras vertentes de pesquisa ensejadas pelos resultados obtidos.

2. Estamos partindo de definição mais lata e processual de clítico, conforme Braga e Paiva (2003) e Tavares (2009). Assim, consideramos clítico o constituinte que perde autonomia semântico-sintática, configurada no desbotamento de sentido e no enfraquecimento entoacional. O clítico é resultante de trajetória de desgaste de sentido e de forma, situado em ponto mais avançado da escala de gramaticalização.

3. Disponível no site [www.discursoegramatica.letas.ufrj.br](http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br)

4. Os resultados aqui apresentados são fruto do desenvolvimento de três dissertações de mestrado, que atualmente derivam em projetos de doutorado. Essas pesquisas, por sua vez, estão integradas ao projeto maior Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização.

## 1. GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

A observação da relevância do contexto morfofossintático como motivador da polissemia e da mudança linguística vem ganhando força na pesquisa funcionalista atual voltada para a gramaticalização. Em Bybee (2010), Traugott e Dasher (2005) e Traugott (2008), por exemplo, se destacam as relações associativas ou metonímicas como desencadeadoras de derivação semântica e categorial. A metáfora, nesse contexto, passa a ser vista como consequente das pressões metonímicas, uma vez que a derivação de sentido resulta das relações estabelecidas entre os constituintes, conforme sua disposição em termos de ordem sintática.

Nessa perspectiva, prevalece o olhar para o todo, para os constituintes envolvidos no uso linguístico de forma mais holística e contingencial. O foco em termos isolados, na detecção de trajetórias de gramaticalização de um ou outro constituinte, perde espaço e razão de ser, cada vez mais, para abordagens que se voltam para os contextos de uso e para a consideração de encadeamentos de constituintes, em seus distintos níveis. Alinhamo-nos a Noël (2007), no entendimento de que gramaticalização pressupõe *construcionalização*, ou seja, de que a mudança linguística passa pela criação e convencionalização de padrões de uso, de constituintes altamente vinculados, em que pressões analógicas e relações associativas se destacam.

Assumimos neste artigo uma concepção mais lata de gramaticalização, atualmente defendida por autores como Bybee (2010), Traugott (2008), Brinton e Traugott (2006), entre outros. De acordo com esses autores, funções pragmático-discursivas são entendidas como integrantes da trajetória de gramaticalização, como pontos mais avançados desta escala. Desse modo, as mudanças linguísticas decorrentes de monitoramento textual e interacional, como as que derivam os marcadores discursivos, são vistas como fenômenos de gramaticalização, situadas em ponto mais avançado nesta trajetória. Consideramos que tal entendimento apresenta duas vantagens: a proposição de uma só escala derivacional e a incorporação das funções pragmático-discursivas ao domínio gramatical.

De acordo com Bybee (2010), expressões continuamente repetidas, como os três padrões aqui tratados, formam relações sequenciais de sentido e forma que podem evoluir para unidades pré-fabricadas (UPF), nos termos de Erman e Warren (2000). Quando tais UPF passam a cumprir funções no nível discursivo-pragmático, com sentidos mais abstratos, desempenhando papéis mais gramaticais ou textuais e, não raro, com perda de elementos formais, ou erosão, estamos diante de processos mais avançados de mudança linguística, ou gramaticalização, de acordo com a concepção deste termo a que nos referimos no parágrafo anterior.

Ainda conforme Bybee (2010), nos casos extremos de integração semântico-sintática, as expressões perdem muito em *composicionalidade* e *analísabilidade*; em outros termos, não mais permitem que seu sentido seja atingido pela soma do sentido de cada um de seus constituintes, bem como não permitem a consideração formal destes constituintes isoladamente, no sentido de que inversões de ordem interna ou inserções de outros termos ficam canceladas. Essa proposição tem referência com o que Croft (2001: 18) nomeia de *elo de correspondência simbólica*. Tal elo vincula a face formal e a face funcional das construções linguísticas.

De acordo com Traugott (2008), para o tratamento de padrões construcionais, é preciso a consideração de três dimensões, da mais abstrata e geral até a mais específica e efetiva, ligada ao uso linguístico propriamente dito. Assim, a autora propõe o nível macroconstrucional, relativo ao plano mais genérico e virtual, que se desdobra no nível mesoconstrucional, atinente a construções específicas com função semelhante, que se realiza de fato no nível microconstrucional, concernente aos *types* individuais,

ou *construtos*. Dessa forma, consideramos que os três padrões referidos - SN loc, loc Vb e Vb loc - constituem macroconstruções. Admitimos também que, a depender do tipo de SN, do Vb e do loc, essas macroconstruções se distribuem em conjuntos de mesoconstruções, que, por sua vez, se realizam como microconstruções ou construtos.

Assim posto, postulamos que os padrões aqui tratados, enquanto macroconstruções, constituem modos de encadeamento distintos, situados, portanto, em *clines* de gramaticalidade também distintos. Trata-se de encadeamentos com níveis de integração semântico-sintática que vão da referência a entidades no universo biossocial, como o Padrão I, até o cumprimento de funções de marcação discursiva, como ocorre no Padrão III.

As próximas seções são dedicadas, respectivamente, a cada um dos padrões referidos. Cada uma se volta para resultados de investigação de expressões específicas, de construtos que efetivam a articulação de meso e macroconstruções.

## 2. PADRÃO I: SN LOC

Para tratarmos desse primeiro padrão, vamos nos apoiar nos resultados a que chegaram Oliveira e Aguiar (2009) e Aguiar (2010)<sup>5</sup>. De acordo com as autoras, o padrão SN loc é um tipo de encadeamento resultante do uso do locativo posposto a SN, como dêitico, conforme o primeiro fragmento a seguir, ou como fórico, de acordo com o segundo fragmento. Trata-se de uma ordenação marcada do pronome locativo, como apresentamos em (1) e (2), a partir de dados extraídos de textos falados do *corpus* D&G, coletados por Aguiar (2010):

(1) eu passei na roleta do ônibus... botei **o dinheiro aqui**...

(2) a sala tem quatro portas... dois/ duas janelas... aí tem... tem meu/ **minha estantezinha lá**... com o som...

Esse uso do locativo posposto aos SNs *o dinheiro* e *minha estantezinha*, no qual o pronome, embora mais afastado, ainda pode ser associado às formas verbais *botei* e *tem*, nos permite considerar que estamos diante de expressões menos vinculadas, do ponto vista semântico-sintático. Poderíamos, inclusive, reordená-las, como nas formações *botei aqui o dinheiro* ou *tem lá uma estantezinha*, além de promover inserções entre seus constituintes, tal como *botei o dinheiro achado aqui* ou ainda *tem minha estantezinha de mogno lá*, por exemplo.

Consideramos que usos como os ilustrados em (1) e (2) são contextos favorecedores de outros mais vinculados, nos quais o loc, como clítico, nos termos de Braga e Paiva (2003) e Tavares (2009), sofre reanálise, vinculando-se de tal modo ao SN que o antecede que já não se pode identificar seu sentido mais locativo ou seu estatuto mais adverbial. Nos termos de Bybee (2010), há, nesses casos, perda de composicionalidade e de analisabilidade dos constituintes internos, como observamos em (3) e (4), também extraídos de depoimentos falados do *corpus* D&G:

---

5. A autora dá continuidade à pesquisa do padrão SN loc em sua tese de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

(3) a reunião estava marcada às sete e meia... eu fui convidado e tinha um... um rapaz... que... saiu devido a **uns problemas lá**... questão de disciplina... não sei que questão... eu ocupei o lugar dele... como:... naveteiro...

(4) Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “ e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara...

Nos fragmentos (3) e (4), *lá* e *aí*, respectivamente, por conta de pressões metonímicas, passam a escopar o SN que os antecede, funcionando à semelhança de uma *forma dependente* (Camara Jr., 1998). Trata-se de ordenação de loc correspondente a um atributo, passando a integrar o SN, qualificando seu núcleo. Ao contrário do que detectamos em (1) e (2), acerca da relativa autonomia de loc, as expressões *uns problemas lá* e *umas coisas aí* se encontram altamente vinculadas, formando um todo semântico-sintático que impossibilita, no uso efetivo da língua, inversões de ordem ou inserções de outros constituintes

Assim posto, consideramos que expressões como as destacadas em (3) e (4) são construtos, são usos efetivos da macroconstrução SN loc. De todo modo, o SN, nesses contextos, mantém seu conteúdo fonte, o que nos permite considerar que o Padrão 1, embora apresente grande integração de sentido e de forma, preserva conteúdo referencial. Nos termos de Erman e Warren (2000), portanto, esse padrão é classificado como lexical. Conforme Brinton e Traugott (2006), unidades lexicais têm mais conteúdo referencial e menos produtividade, o que vai ao encontro das tendências de uso do Padrão I. Destacamos que, embora atue no âmbito lexical, na configuração desse padrão, o loc se encontra em nível avançado de gramaticalidade.

Na pesquisa de Aguiar (2010), que levantou o tipo de frequência de pronomes locativos pós SN em todo o *corpus* D&G das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, identificam-se os seguintes usos dessas expressões:

(5) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu caí... aí tá até **a cicatriz aqui**...  
– advérbio dêitico / noção de lugar

(6) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... – advérbio catafórico / noção de lugar na referência ao lado

(7) aí eu cheguei em casa... a... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... – advérbio anafórico / elemento coesivo retomando a ideia de lugar anterior

(8) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? – clítico / esvaído da ideia de lugar – expressão mais fixa na língua – construto do Padrão I

Dos 461 dados gerais de pronome locativo pós SN levantados pela autora, se registram 75 dêiticos, 314 fóricos (139 catafóricos e 175 anafóricos) e 72 clíticos. Esses números confirmam a baixa produtividade da dêixis e da cliticização no uso das expressões referidas, sendo a cliticização menos frequente ainda. Por outro lado, o levantamento de Aguiar (2010) destaca a foricidade das expressões referidas, em papéis que ressaltam essa função textual como o uso não-marcado do locativo em tais contextos.

### 3. PADRÃO II: LOC VB

Tal como nas expressões do Padrão I, neste segundo padrão também se hipotetiza a motivação por pressões metonímicas, em que loc e Vb são reanalisados, tomados como parte de um todo, como uma UPF de tipo sintático. Esse segundo padrão se situa a meio-caminho do léxico e da gramática, no sentido de que o locativo, em posição inicial em relação ao verbo, ainda preserva, via de regra, sua função fórica, seu papel textual típico, conforme destaca Rocha (2011).

De outra parte, o segundo constituinte, o elemento verbal, se encontra altamente abstratizado nesse tipo de encadeamento, com perda de conteúdo referencial, bem como das marcas flexionais de modo-tempo e número-pessoa, próprias da classe verbal. Destituídos de traços semânticos e morfológicos de sua categoria fonte, os constituintes das expressões concernentes ao Padrão II funcionam num tipo de arranjo cuja função precípua é a conexão textual, promovendo a articulação entre porções maiores do texto. Tal como nas expressões do Padrão I, neste segundo padrão também se hipotetiza a motivação por pressões metonímicas, em que loc e Vb são reanalisados, tomados como parte de um todo, como uma UPF de tipo sintático.

Nesse sentido, as expressões do Padrão II registram maior perda de composicionalidade e de analisabilidade de seus constituintes em relação ao Padrão I. Nas formações loc Vb de mais alta integração, já não se pode falar em locativo e verbo, mas sim num todo de forma e sentido, que, anaforicamente, retoma referentes e, por outro lado, cataforicamente, expande sentidos lógicos, conforme destacam Oliveira e Rocha (2011) e Rocha (2011)<sup>6</sup>, com base em pesquisa sobre esse padrão de uso.

Os dados referidos nesta seção foram extraídos de artigos de opinião, cartas de leitores, blogues, materiais religiosos de cunho popular, entre outros, captados da *internet* e datados entre o segundo semestre de 2008 e o segundo semestre de 2009. Nesse levantamento, foram tomadas as sete primeiras páginas do *site* de busca *Google* que detectaram a ocorrência de *daqui vem* e *daí vem*, independentemente do tipo de vinculação apresentado.

Do levantamento referido resultaram 67 dados gerais – 19 de *daqui vem* e 48 de *daí vem*. Em relação a *daqui vem*, Oliveira e Rocha (2011) identificam três contextos de ocorrência. Cada um desses contextos exhibe estágios distintos de integração semântico-sintática, conforme ilustramos a seguir:

(9) *Daqui vem muita coisa.*



(<http://poesia-incompleta.blogspot.com/2009/06/daqui-vem-muita-coisa.html>),  
acesso em 15/06/2009

6. A autora dá continuidade à pesquisa do padrão loc Vb em sua tese de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

(10) Este chacra é um mestre que nos faz ouvir a inteligência cósmica, e então sabemos que rumo tomar. **Daqui vem** a capacidade de canalizar sem desligamento da matéria. (<http://www.astrologianaweb.com.br/chacras.php>, acesso em 15/06/2009)

(11) A mão grosseira e calosa não percebe distintamente pelo tato as coisas materiais; muito menos se tiver calçada a luva. Ao nosso espírito sim foi dado sentimento e percepção das coisas espirituais e divinas; porém, como o temos envolvido e calçado entre tantos sentimentos grosseiros das coisas terrenas, **daqui vem** não poder formar notícia que o afeíoe e faça sábio das coisas divinas. (<http://www.permanencia.org.br/revista/vida/Bernardes/silva1.htm>, acesso em 15/06/2009)

O fragmento (9) ilustra o uso de *daqui vem* identificado como o mais elementar e referencial, em que a expressão atua no anúncio ou apresentação de produtos ou serviços; trata-se de estágio de menor gramaticalidade, no nível do léxico, no qual *daqui* atua como dêitico e a forma verbal *vem*, ainda que menos preenchida referencialmente, tem sentido efetivo de deslocamento. Já em (10) *daqui vem* apresenta-se mais vinculado em termos de sentido e de forma; essa maior vinculação torna a expressão híbrida em termos funcionais, no sentido de que o locativo pode se relacionar anaforicamente aos termos *este chacra* e *mestre* e também guarda correspondência com o sintagma subsequente *a capacidade de canalizar*. No fragmento (11) é apresentado o efetivo uso do construto instanciado pela macroconstrução loc Vb, num contexto em que *daqui vem* assume de modo mais efetivo o papel de conector conclusivo, com seus constituintes revelando maior encadeamento semântico-sintático e atuando no nível das relações textuais.

Conforme postula Bybee (2010), os três padrões de uso de *daqui vem*, ilustrados respectivamente em (9), (10) e (11), confirmam que gradiência e prototypicalidade são marcas constitutivas da gramática. Ainda de acordo com a autora, as categorias linguísticas não são discretas; os contextos de uso, atinentes à esfera metonímica, bem como a frequência, relativa à rotinização de práticas discursivas, são fatores determinantes para a fixação de padrões gramaticais.

No levantamento exaustivo dos sete *sites* do *Google*, Oliveira e Rocha (2011) chegam a 19 registros de *daqui vem*, o que demonstra a baixa produtividade da expressão, se comparada ao levantamento de *daí vem*, também realizado pelas autoras, que chegou a 48 ocorrências, com a utilização de mesmo critério de coleta de dados. Apresentamos, na tabela a seguir, a síntese da frequência e do tipo de função desempenhada pelas expressões referidas:

Função	daqui vem	daí vem
+ lexical	4	3
híbrida	2	5
gramatical	13	40
total	19	48

Tabela 1: Padrões de uso de *daqui vem* e *daí vem*  
Tabela adaptada de Oliveira e Aguiar (2011: 164)

Conforme podemos detectar por intermédio da Tabela 1, usos mais referenciais e híbridos são menos frequentes em ambas as expressões. Prepondera a função gramatical, o modo mais encadeado e convencionalizado de articulação, com 13 em 19 dados gerais e 40 em 48 dados gerais, respectivamente, para os usos de *daqui vem* e de *daí vem*. Além de evidenciar a generalização da função gramatical do padrão loc Vb, a Tabela 1 destaca a maior frequência de *daí vem*, que nos permite ao menos hipotetizar que: a) o uso de *aí* como conector, mais disseminado no português contemporâneo do Brasil, motiva consequentemente a maior frequência de *daí vem*; b) a expressão *daqui vem* se convencionaliza por analogia a *daí vem*, esta mais recorrente e sistematizada na comunidade linguística, num tipo de processo pelo qual novas formas de dizer se convencionalizam com base em outras formas já existentes e disponíveis, nos termos de Bybee (2010).

Assim, assumimos que o Padrão II, em relação ao Padrão I, tem uso mais regular e deve tender, portanto, à maior frequência. Também consideramos que o Padrão II se encontra situado em ponto mais avançado de gramaticalidade, uma vez que cumpre função no nível gramatical, na conexão textual, articulando sentidos lógicos, como consequência e conclusão, preservando o papel fórico do pronome locativo.

#### 4. PADRÃO III: VB LOC

Nesta seção, tratamos do terceiro e mais integrado dos padrões aqui analisados, os construtos que articulam a macroconstrução Vb loc. Localizado em ponto mais avançado de gramaticalidade face os padrões I e II, esse tipo de uso corresponde à ordenação mais regular e não-marcada dos pronomes locativos no português contemporâneo, a pós-verbal. Essa tendência é incrementada e se fixa na língua notadamente a partir do século XIX<sup>7</sup>; assim, consideramos, por hipótese, que o Padrão III seja mais recente em relação, por exemplo, ao Padrão II.

Para o tratamento de Vb loc, nos pautamos em Teixeira e Oliveira (2010) e Teixeira (2010)<sup>8</sup>, a partir da investigação da funcionalidade das expressões *vá lá* e *vamos lá* no português contemporâneo do Brasil. Tal como nas demais investigações empíricas aqui referidas, as autoras identificam *clines* de vinculação semântico-sintático no uso das expressões mencionadas, o que corresponde à distinção dos níveis de encadeamento dos constituintes internos e dos papéis funcionais em jogo na interação.

De acordo com Teixeira e Oliveira (2010), *vá lá* e *vamos lá* atuam originalmente no nível lexical, com sentido mais referencial e menos encadeado, na articulação de contextos como os seguintes, extraídos das autoras mencionadas:

(12) Nós conhecemos a ilha hoje à tarde, pelas mãos do próprio Jean-Paul, no INFOLAB, numa telona full HD de 52 polegadas, e babamos. **Vá lá** e comprove. (Blogue de Sandra Carvalho, site da Info Abril)

(13) Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “**Vamos lá** que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”. Mas é exatamente isso que me irrita: precisar que alguém saiba meu sobrenome para me tratar bem. (Reportagem de Daniela Pinheiro, revista Veja, ed. de 1 657 de 12/07/2000)

7. Vários pesquisadores têm destacado a tendência de uso pós-verbal dos efetivos advérbios, a partir do século XIX, no português. No contexto do Grupo D&G, Martelotta (2006), Oliveira (2009) e Barcellos (2011), entre outros, ratificam tal tendência.

8. A autora dá continuidade à pesquisa do padrão Vb loc em sua tese de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

Em (12) e (13), ainda que integrados, na formação de predicados verbais, *vá lá* e *vamos lá* são efetivamente formados pelo verbo *ir*, usado com sentido de deslocamento físico, e pelo locativo *lá*, um espaço físico, situado em ponto específico ao qual se deve dirigir o interlocutor. Assim articuladas, essas expressões são identificadas como UPF lexical, ainda distantes de se constituírem em instanciação construcional, que se refere a um tipo de construto mais vinculado, funcionando no plano discursivo-pragmático, tal como:

(14) Parece que a revista People perdeu o foco em sua última lista de mais-mais que ela sempre inventa. Afinal, o que dizer das amigas Lindsay Lohan e Nicole Richie (1), eleitas como as mais descoladas? Fossem as mais antipáticas, **vá lá**. (revista Época, ed. 382 de 12/09/2005)

(15) I: *sim mas ... o entrevistado sou eu ...*

E: *é verdade ... vamos lá ... a parte do mar tá acabado?*

I: *é ...*

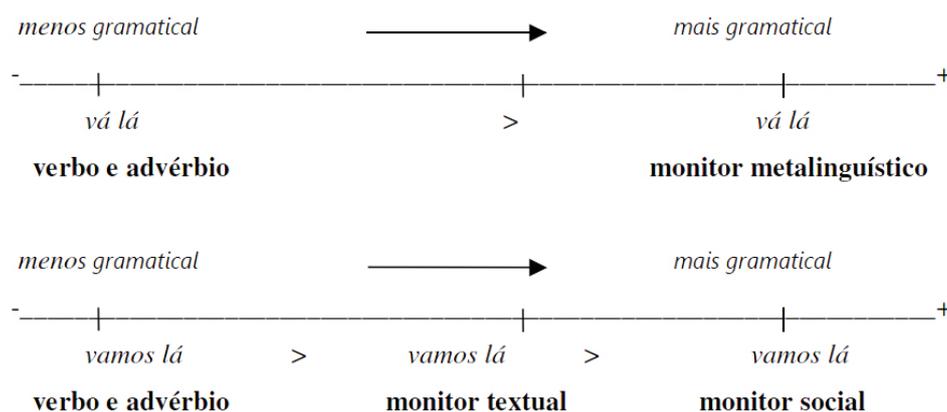
E:  *você vai mexer agora só no céu? (Corpus D&G– Natal; ensino superior)*

(16) Sim, na linguagem do Senado a “nobreza” pode vir junto com a “mentira”, a “excelência” com a “culpa”, mas **vamos lá** – isto não é defeito, mas virtude. (revista Veja, ed. 1.699 de 09/05/2001)

Se em (12) e (13) não se pode questionar o estatuto lexical e a plenitude categorial dos constituintes verbais e pronominais de *vá lá* e *vamos lá*, em (14), (15) e (16) se torna clara a forte vinculação de sentido e forma destas expressões, que passam a atuar como elementos no plano discursivo-pragmático. Assim encadeados, em (14), (15) e (16), *vá lá* e *vamos lá* funcionam como construtos ou *types* da macroconstrução Vb loc, cumprindo papéis situados fora do plano oracional ou mesmo textual, uma vez que dizem respeito à esfera discursivo-pragmática, em prol da chamada de atenção do interlocutor, do apelo ou do convencimento que se instaura. Nesse estágio mais avançado de gramaticalidade, tanto o primeiro constituinte, o Vb, está despido de seus traços morfológicos originais, como as flexões de modo-tempo e de número-pessoa, como o segundo constituinte, o loc, já não pode ser tomado como advérbio prototípico.

De acordo com Traugott e Dasher (2005), consideramos que usos como os destacados nos três fragmentos anteriores são exemplares de *inferência sugerida*. Com esse termo, os autores se referem a um tipo de mecanismo segundo o qual os locutores se apropriam de sentidos mais convencionalizados e referenciais, reelaborando-os em contextos específicos, no caso, o injuntivo, no convite aos interlocutores para partilharem novos sentidos, de estatuto mais abstrato ou gramaticalizado. Em relação aos três fragmentos referidos, a inferência sugerida é mais evidente em (15) e (16), em que o locutor se dirige diretamente ao interlocutor, por isso é classificado como *monitor social*; enquanto em (14) esse convite parece se dirigir também ao próprio locutor, num tipo de concessão a si mesmo (*Fossem as mais antipáticas, vá lá*), daí ser nomeado como *monitor metalinguístico*.

Reproduzimos a seguir a escala de gramaticalidade proposta por Teixeira e Oliveira (2010: 74) para *vá lá* e *vamos lá*:



Tal como nos demais padrões aqui tratados, a hipótese é que os contextos motivadores de uso mais gramaticalizado sejam provenientes do plano lexical. Dessa forma, usos lexicais (ou menos gramaticais), tais como os ilustrados em (12) e (13), devem ser a fonte para usos mais gramaticais. Com relação à derivação semântica, postula-se, conforme Teixeira (2010), que: a) o deslocamento no plano espacial, articulado pelo constituinte verbal *ir*; migra para o deslocamento no plano opinativo; b) o espaço físico vasto *lá* assume, assim, referência mais genérica e abstrata. Em relação ao construto *vá lá*, as referidas autoras apontam a função de *monitor metalinguístico*, como se encontra em (14), como a mais regular de sua articulação. Já o construto *vamos lá* foi identificado como cumpridor de dupla funcionalidade – uma a caminho do nível discursivo-pragmático, como *monitor textual*, ilustrada em (15), e outra mais avançada em termos de gramaticalidade, a de *monitor social*, exemplificada em (16).

Em termos de frequência, Teixeira (2010), com base em textos escritos de revistas de grande circulação nacional, como *Época* e *Veja*, bem como em blogs, levanta 307 ocorrências dessas expressões: 191 dados com *vamos lá* e 116 com *vá lá*, o que é indício de maior frequência da primeira expressão. Nesse levantamento, preponderam os usos mais vinculados, representativos de construtos da macroconstrução Vb loc: dos 191 dados de *vamos lá*, 137 se situam em pontos de maior gramaticalidade, contra apenas 54 dados de referência lexical; das 116 ocorrências de *vá lá*, 87 representam usos mais gramaticalizados, enquanto somente 29 constituem usos lexicais. Tais índices apontam a generalização dos usos gramaticalizados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne especificamente à investigação dos padrões construcionais em torno de locativos, os resultados aqui apresentados permitem algumas constatações. A primeira diz respeito à gradiência e à prototypicalidade, já destacadas em Bybee (2010), uma vez que os três padrões investigados se situam em *clines* de vinculação semântico-sintática, desempenhando papel diversificado e, por vezes, híbrido. Dos três padrões tratados, o Padrão I (SN loc) atua no nível lexical, enquanto o Padrão II (loc Vb) funciona no nível sintático, já o Padrão III (Vb loc) é o mais avançado em termos de gramaticalidade, cumprindo propósitos comunicativos fora do nível estritamente gramatical. A segunda evidência destaca o papel das relações associativas, no âmbito metonímico, bem como das pressões de natureza pragmático-comunicativa para a deflagração da polissemia e de distintos usos linguísticos.

Apresentados os padrões construcionais SN loc, loc Vb e Vb loc, com base na análise de construtos específicos destas macroconstruções, resta ainda a proposição de uma agenda vasta e desafiadora à pesquisa na perspectiva da gramaticalização de construções, a compatibilizar a abordagem funcionalista e a cognitivista no tratamento de UPF em seus distintos níveis. Entre tais desafios, citam-se: a) a conceituação mais refinada e precisa de *construção*, seu estatuto e propriedades; b) a inclusão da dimensão histórica na investigação de padrões de uso, em termos da unidirecionalidade, que tradicionalmente é assumida na investigação da gramaticalização; c) a testagem da proposta de Traugott (2008), acerca do gradiente construcional em níveis macro, meso e micro, para a análise interpretativa dos padrões de uso gramatical do português; d) a compatibilização da metodologia empírica, própria da pesquisa funcionalista, à abordagem mais abstrata e radial do cognitivismo.

## CONSTRUCTIVE PATTERNS FORMED BY LOCATIVE PRONOUNS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE

### ABSTRACT

Description and analysis of three Portuguese constructional patterns formed by locative pronouns around noun phrases and verbs, based on both functionalist (Bybee, 2010; Traugott, 2008; Traugott and Dasher, 2005) and cognitive (Croft and Cruse, 2004; Croft 2001) assumptions. Proposition of a grammaticality gradient of these patterns, in the lexical > grammatical path, so that nominal patterns are in the lexical level, while verbal patterns are located in the grammatical level, where the postverbal order represents the most conventionalized stage.

**KEY WORDS:** grammaticalization; construction; locative pronouns; Portuguese.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, M. T. (2010). *Padrões Funcionais no uso de Pronomes Locativos: Uma abordagem construcional*. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

Barcellos, R. C. (2011). *Pronomes locativos em textos da dramaturgia: uma análise funcionalista*. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

Braga, M.L; Paiva, M. C. (2003). *Do advérbio ao clítico é isso aí*. IN: Roncarati, C. e Abraçado, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 206-212.

Brinton, L.; Traugott, E. (2006). *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bybee, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Camara Jr, J. M. (1998). *Estrutura da língua portuguesa*. 28<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes.

Croft, W; Cruse, D. A. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Croft, W. (2001). *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Erman, B; Warren, B. (2000). The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62.

Heine, B; Kuteva, T. (2007). *The genesis of grammar – a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press.

Martelotta, M. E. (2006). Ordenação dos advérbios qualitativos em \_mente no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. In: *Revista Gragoatá*, vol. 21. Niterói: Eduff, p. 11-26.

Noël, D. (2007). Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, p. 177-202.

Oliveira, M. R; Rocha, R. A. (2011). As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instanciações da construção Loc + SV no português contemporâneo. In: *Revista Caligrama*, vol. 16, no. 2, p. 155-176.

Oliveira, M. R; Aguiar, M. T. (2009). A trajetória advérbio > clítico no uso dos pronomes aí, ali, aqui e lá. In: Oliveira, M. R; Rosário, I. C. (org). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, p. 142-152.

Oliveira, M. R. (2009). Pronomes adverbiais locativos em cartas do português: trajetória, ordenação e função. In: *Revisa de Estudos da Linguagem*, vol. 17, no. 1. Belo Horizonte: Fale, p. 179-208.

Rocha, R. A. (2011). *As construções “daqui vem” e “daí vem” no português contemporâneo*. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

Tavares, M. A. (2009). Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade. In: *Revista Gragoatá*, vol. 26, Niterói : Eduff, p. 103-120.

Teixeira, A. C. M. (2010). *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: microconstruções e gramaticalização*. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

Teixeira, A. C. M; Oliveira, M. R. (2010). Gramaticalização das construções “vá lá” e “vamos lá”. In: *Todas as Letras*, v. 12, no. 1, p. 70-79.

Traugott, E. (2008). Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Eckard, R. et al (eds) *Variation, Selection, Development-- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250.

Traugott, E. C; Dasher, R. B. (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.